

# SEXUALIDADE: O DESAFIO DESSA QUESTÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Tatiana Aparecida de Assis <sup>1</sup>

Prof.<sup>a</sup>. Orientadora Maruza Brasil Bonne <sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo baseia-se na dificuldade que os professores apresentam para lidarem com questões sobre sexualidade dentro da sala de aula na educação infantil. Este tema, apesar de ter ganhado espaço nas discussões pedagógicas nos últimos tempos, ainda é um grande desafio para a maioria das pessoas. A metodologia inscreve-se em pesquisa bibliográfica com os autores Silva (2007), Schindhelm (2011), Oliveira, (2016), Zabalza (2007), dentre outros. Esses teóricos tratam das dificuldades em lidar com essa temática no cotidiano da escola destacando que os professores ainda estão sujeitos a preconceitos sobre sexualidade, muitos deles construídos na própria experiência pessoal. Por este motivo, deixam de responder aos questionamentos das crianças ou respondem de forma fantasiosa. Nossas reflexões evidenciam que a sexualidade está presente em todos nós desde o nascimento e, na educação infantil, é vivenciada por meio das interações e brincadeiras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sexualidade. Educação Infantil. Gênero. Desafio.

**ABSTRAT:** This article is based on the difficulty that teachers are published to deal with questions about sexuality within the classroom in early childhood education. This subject, although it has gained space in the pedagogical discussions in recent times, is still a great challenge for most people. The methodology is inscribed in a bibliographic research with the authors Silva (2007), Schindhelm (2011), Oliveira, (2016), Zabalza (2007), among others. These theorists deal with the difficulties in dealing with this theme in the daily life of the school emphasizing that teachers are still subject to sexuality prejudices, many of them built in the person's own experience. For this reason, they no longer respond to children's questions or respond in a fanciful way. Our reflections show that sexuality is present in all of us from birth and, in early childhood education, is experienced through interactions and games.

**KEY WORDS:** Sexuality. Child education. Genre. Challenge.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do 8º período da Faculdade Multivix de Cariacica –ES. Atua na educação em escola particular como Auxiliar de disciplina.

<sup>2</sup> Orientadora Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

## INTRODUÇÃO

Falar sobre sexualidade é um grande desafio dentro da escola, principalmente na educação infantil. Muitas vezes este assunto gera polêmica e insegurança nos professores, que não sabem como abordar o tema com crianças tão pequenas. Paralelamente, a sociedade é cada vez mais bombardeada com novas formas de agir e ser das pessoas e dos grupos sociais e a educação tem lutado pela construção da identidade dos alunos ao mesmo tempo que busca a criação de uma geração capaz de respeitar as diversidades humanas, incluindo a diversidade sexual e de gênero.

Segundo os Parâmetros curriculares Nacionais, na década de 80 a sexualidade tornou-se assunto de grande interesse dentro da escola, principalmente devido à preocupação com o crescente número de gravidez na adolescência como também pelo aumento de casos de HIV entre a população jovem. De início, as famílias apresentam certa resistência para aceitar o tema dentro da escola, mas hoje percebe-se que o assunto se tornou uma reivindicação dos pais, que muitas vezes não conseguem falar abertamente com os filhos sobre o assunto em casa (BRASIL, 1997).

Segundo Silva (2007), a sexualidade está presente desde o nascimento e é ativada pelas relações que o bebê estabelece com os pais e as pessoas que lhe são próximas. As primeiras experiências sexuais são sentidas pelo corpo e se constituem como forma de aprendizado para a criança que sente e descobre significados do mundo por meio das sensações e do contato corporal com as pessoas e o meio físico.

Para Schindhelm (2011) o corpo do indivíduo é a chave de sua sexualidade, pois é por meio dele que descobre o mundo desde o primeiro dia de vida. Isto corre, inicialmente, pelo contato com os pais e posteriormente pela interação com as outras pessoas.

Na educação infantil, as crianças exploram sua sexualidade por meio das interações e as brincadeiras e é necessário que o professor desta etapa da educação básica tenha em mente que a sexualidade está em tudo e é para todos: crianças, jovens e adultos, sendo impossível excluí-la da sala de aula (OLIVEIRA, 2016).

É fato que existe muita dificuldade por parte de toda equipe pedagógica para incluir no planejamento escolar assuntos que abordem a sexualidade infantil, pois não se sabe qual é o melhor momento para abordar o tema e como se deve trata-lo dentro da sala de aula.

Muitas vezes os professores ignoram as curiosidades das crianças sobre sexualidade ou respondem suas perguntas de forma equivocada e fantasiosa, o que gera a construção de conceitos errôneos, insegurança, tensão e ansiedade. Nota-se então, grande despreparo para se trabalhar o tema dentro de sala, principalmente devido à influência de preconceitos sobre o tema que os professores carregam de acordo com suas experiências e crenças (SILVA, 2007).

A escolha do tema desta pesquisa justifica-se pela necessidade de ampliar o diálogo sobre a sexualidade na educação infantil e as formas como este assunto pode ser abordado dentro de sala de aula pelo professor. Este tema torna-se ainda mais importante devido ao amplo acesso que as crianças possuem aos meios de comunicação na atualidade, o que ocasiona influências muitas vezes prejudiciais as crianças.

Deste modo, o presente trabalho tem por objetivo discorrer sobre a prática educacional com relação ao tema da sexualidade na educação infantil, analisando pontos importante como a preparação do professor e as atividades aplicadas para inserir este assunto dentro de sala. Para tal, faz-se necessário um breve estudo sobre sexualidade e infância e uma síntese sobra as principais características das crianças de educação infantil.

Este artigo usa como metodologia a pesquisa bibliográfica de livros, artigos e revistas da área da educação e da psicologia como forma de embasamento teóricos para as ideias aqui aprofundadas.

## **1 SOBRE SEXUALIDADE E INFÂNCIA**

A palavra sexualidade está presente em nosso meio em diversos contextos. Muito se fala sobre o tema, mas as pessoas ainda apresentam dificuldade para compreender seu sentido mais amplo, atribuindo ao termo apenas o sentido de ato sexual.

Segundo o Dicionário Michaelis – versão online (2016), a palavra sexualidade apresenta os seguintes significados:

- 1 Qualidade ou estado de ser sexual.
- 2 Conjunto de todos os caracteres morfológicos e fisiológicos, externos ou internos, que os indivíduos apresentam, conforme o sexo a que pertencem.
- 3 Conjunto de fenômenos da vida sexual.
- 4 Exaltação ou recrudescimento do instinto sexual.
- 5 Expressão do instinto sexual; atividade sexual.
- 6 PSICOL. Segundo Freud (1856-1939), resultado de um complexo processo de desenvolvimento que começa na infância, passando por uma série de fases ligadas a diferentes funções corpóreas, até chegar à idade adulta. Nesse desenvolvimento, a criança passa por um período edipiano, momento em que estabelece um vínculo afetivo com a mãe e considera seu pai como rival. A idade em que a criança supera essa fase é muito importante para suas relações afetivas posteriores.

Nota-se que o último significado apresenta um conceito mais amplo sobre o termo, enfatizando o aspecto evolutivo e inerente da sexualidade no ser humano.

A sexualidade está presente e nossas vidas muito antes de nascermos. A própria fecundação e a preparação para a maternidade levam a ideia sobre a relação de prazer entre um casal e as expectativas que envolve o futuro da criança. Desse modo, começa-se a especular sobre o sexo do bebê, o que já se constitui como uma questão de gênero e influenciará muito na constituição desse novo ser (SILVA, 2007).

Assim como a infância nem sempre foi vista da mesma maneira, a sexualidade também é uma construção social definida por marcas culturais impressas antes mesmo da concepção de um bebê. Supondo o desejo de um casal de ter um filho, a sexualidade mostra-se presente desde a experiência sexual para fecundar o embrião, passando pelo imaginário dos pais acerca do gênero desta criança e pelas construções afetivas destinadas a este futuro bebê. (SCHINDHELM, 2011, p.3)

Todos nós temos sexualidade, não apenas jovens e pessoas com boa qualidade na saúde, mas também crianças, pessoas com deficiência, idosos e indivíduos que vivem sozinhos. Ela se manifesta em momentos coletivos, individuais, em jogos, brincadeiras e em relacionamentos duradouros e momentâneos. Deste modo, a sexualidade está presente em todos os lugares, inclusive na escola. Sobre sexualidade e escola, os PCN's ressaltam que "não é apenas em portas de banheiros, muros e paredes que se inscreve a sexualidade no espaço escolar; ela "invade" a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula" (BRASIL, 1997, p. 78).

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos. Nesse sentido, a sexualidade é entendida como algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento. Além disso, sendo a sexualidade construída ao longo da vida, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito (BRASIL, 1997, p. 81).

Freud foi o primeiro estudioso a defender que as experiências e condutas sexuais são de grande importância para formação do sujeito e para a condução da sua vida adulta. Essas afirmativas chocaram a comunidade científica da época, principalmente porque sua pesquisa dividiu o desenvolvimento da personalidade em vários estágios levando em consideração impulsos e instintos sexuais como principais responsáveis pela formação da pessoa (SCHINDHELM, 2011)

Esse estudo freudiano sobre o impacto da sexualidade infantil para a vida adulta desafiou a noção dominante da época de que a criança era uma criatura pura e inocente, razão porque foi recebido como revolucionário, chocante e mesmo ofensivo para a sociedade. Hoje, ainda convive-se com conhecimentos compartilhados socialmente sobre esse modo de olhar para a criança, fruto da herança cultural vitoriana. Por outro lado, cada vez mais percebe-se que os pequenos têm desejos, experiências e fantasias sexuais (SCHINDHELM, 2011, p. 2).

Desde o nascimento a sexualidade vai se constituindo a partir das relações que o bebê estabelece com seus pais e as pessoas que cuidam dele. Este primeiro contato acontece por meio do corpo. Quando somos pequenos, percebemos o mundo a nossa volta por meio do corpo: o sugar o leite materno, o toque, as trocas de olhares, as sensações corporais, o banho. Estas experiências ajudam na constituição do desejo de aprender e na capacidade de construir vínculos afetivos (SILVA, 2007).

A sexualidade é construída, basicamente, a partir das primeiras experiências afetivas do bebê com a mãe e com o pai ou quem cuida dele. Seguem-se as relações com a família, amigos, e as influências do meio social. A capacidade da mãe de tocar o filho, aconchega-lo, acolhê-lo psicologicamente, será a base para o desenvolvimento da resposta erótica e da capacidade de construir vínculos amorosos e do desejo de aprender (OLIVEIRA, 2016, p. 4).

Antes do primeiro ano de vida a criança já é capaz de identificar o rosto materno, a partir deste momento bebê já não aceita a substituição da mãe por outra pessoa, caracterizando uma evolução do universo afetivo do indivíduo. Surge também a internalização de determinados sentimentos, que a princípio só se dão

por meio de outras pessoas, como a cólera, tristeza, medo etc. Inicialmente, a criança sente em seu corpo as sensações das outras pessoas, situação que depende muito do grau de afetividade ou agressividade a qual é exposta (LE BOULCHE, 1982).

Essas experiências sexuais que se iniciam pelo corpo têm profunda relação com a aprendizagem da criança, que por sua vez contribui para novas relações e novos aprendizados.

A curiosidade sexual é a principal responsável pelo despertar da aprendizagem. A curiosidade sexual e o desejo do saber se manifestam logo no início da nossa vida. É por meio deles que compreendemos de onde e como viemos ao mundo e isso nos leva a querer entender como é que funciona e o que o “resto” das coisas do mundo. Assim, começamos a conhecer e a pensar. Quando podemos levantar hipóteses, podemos pensar. Quando podemos pensar podemos conhecer e estabelecer relações afetivas (SILVA, 2007, p. 18).

O bebê sente prazer e desprazer por meio do seu corpo, experimentando sensações de excitação sexual desde seu nascimento. As carícias oferecidas pelos adultos levam a criança a expressar emoções e desenvolverem afeto pelas outras pessoas (SCHINDHELM, 2011).

Para Oliveira (2016) a sexualidade não está ligada apenas ao funcionamento dos órgãos genitais, mas sim à diversas situações que geram excitações desde a infância e que satisfazem prazeres irredutíveis presente em nossa fisiologia humana.

Segundo Vygotsky (1999), as crianças passam por situações de brincadeiras e interações que se constituem como desafios que fogem do cotidiano e que extrapolam seus limites reais de atuação no mundo. Com estas problematizações o indivíduo faz um esforço para tentar apreender a realidade que o cerca e resolver as questões existentes. Assim, incorpora a cultura existente ao mesmo tempo em que transforma a realidade.

Silva (2007) esclarece que a brincadeira, o movimento e a sexualidade são traços naturais e sadios da criança. Sem o brincar e se movimentar a vida da criança seria insuportável, pois seria impossível recorrer a fantasia e a imaginação para buscar respostas de alguns problemas.

O movimento é uma importante dimensão do desenvolvimento e da cultura humana. As crianças se movimentam desde que nascem, adquirindo cada vez maior controle sobre seu próprio corpo e se apropriando cada vez mais

das possibilidades de interação com o mundo. Engatinham, caminham, manuseiam objetos, correm, saltam, brincam sozinhas ou em grupo, com objetos ou brinquedos, experimentando sempre novas maneiras de utilizar seu corpo e seu movimento. Ao movimentar-se, as crianças expressam sentimentos, emoções e pensamentos, ampliando as possibilidades do uso significativo de gestos e posturas corporais. O movimento humano, portanto, é mais do que simples deslocamento do corpo no espaço: constitui-se em uma linguagem que permite às crianças agirem sobre o meio físico e atuarem sobre o ambiente humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo (BRASIL, 1988, p. 15).

Desse modo, é por meio da interação com o meio e das brincadeiras que a criança descobre seu próprio corpo e, conseqüentemente, sua sexualidade. Os pequenos são bombardeados com informações que chegam de todos os lados e, a forma como essas informações são assimiladas podem resultar em conceitos errôneos e fantasiosos sobre sexualidade.

Conforme alertam os Parâmetros curriculares nacionais:

A criança também sofre influências de muitas outras fontes: de livros, da escola, de pessoas que não pertencem à sua família e, principalmente, nos dias de hoje, da mídia. Essas fontes atuam de maneira decisiva na formação sexual de crianças, jovens e adultos. A TV veicula propaganda, filmes e novelas intensamente erotizados. Isso gera excitação e um incremento na ansiedade relacionada às curiosidades e fantasias sexuais da criança. Há programas jornalísticos/científicos e campanhas de prevenção à AIDS que enfocam a sexualidade, veiculando informações dirigidas a um público adulto. As crianças também os assistem, mas não podem compreender por completo o significado dessas mensagens e muitas vezes constroem conceitos e explicações errôneas e fantasiosas sobre a sexualidade (BRASIL, 1997, p. 78).

Quando a criança explora o próprio corpo e observa, não apenas o corpo do outro, mas as diferenças da forma de se vestir, dos gestos, das brincadeiras, das expressões, das funções dos meninos e das meninas dentro de casa e o tratamento dado a cada um está assimilando padrões estabelecidos socialmente que diferenciam o sexo feminino do masculino. Esses padrões são transmitidos pela educação e são atualmente alvo de muitas discussões dentro da educação, pois todas essas informações absorvidas pelas crianças ajudam na construção de sua identidade e sexualidade (BRASIL, 1997).

Educação sexual refere-se aos processos culturais contínuos desde o nascimento que, de uma forma ou de outro, direcionam os indivíduos para diferentes atitudes e comportamentos ligados à manifestação de sua sexualidade. Esta educação é dada indiscriminadamente na família, na escola, no bairro, com amigos, pela televisão, pelos jornais, pelas revistas (RIBEIRO, 1990, p. 3).

Diante das ideias expostas conclui-se que os pais e os profissionais que lidam diretamente com a criança necessitam entender minimamente sobre sexualidade infantil evitando concepções errôneas e erotizadas sobre o assunto. A sexualidade está relacionada com a constituição do ser humano e não simplesmente com apenas o ato sexual.

## **2 EDUCAÇÃO INFANTIL: CARACTERÍSTICAS E ESPECIFICIDADES NA ATUALIDADE**

O presente artigo busca ponderar sobre as questões de sexualidade na educação infantil e a dificuldade que os professores apresentam para lidar com este assunto em sala de aula. Para tal, faz-se necessário discorrer brevemente sobre esta etapa da educação básica, analisando suas principais características e peculiaridades.

Em nosso país, a educação infantil se constitui como uma etapa da educação básica brasileira garantida pela LBD (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) conforme texto abaixo:

- I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, organizada da seguinte forma:
  - a) pré-escola; (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)
  - b) ensino fundamental; (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)
  - c) ensino médio; (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)
- II - educação infantil gratuita às crianças de até 5 (cinco) anos de idade; (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)
- III - atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino; (BRASIL, 1996).

Para a LBD esta etapa da educação tem como objetivo desenvolver os aspectos físicos, emocionais, intelectuais e afetivos das crianças de até 05 (cinco) anos de idade, garantindo assim a complementariedade do papel da família e dos outros grupos sociais.

Em consonância com este pensamento, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1988) defende que as escolas que trabalham com educação infantil necessitam oferecer à criança um ambiente estimulador e



desafiante, cuja os pequenos possam aprender com segurança e acolhimento, conhecendo ao mundo a si mesmos por meio da interação e da brincadeira.

Para o alcance de tal objetivo, a educação infantil é oferecida ao longo de duzentos dias letivos por ano, com duração de quatro hora diárias ou sete horas para jornada integral. A avaliação é realidade por meio de registros dos avanços da criança, sem a finalidade de promoção para outra série (BRASIL, 1996).

Num pensamento mais amplo sobre esta etapa, Zabalza (2007) esclarece que, para além do cuidado e da proteção, a escola de educação infantil de hoje tem um importante papel na vida dos indivíduos: em uma sociedade fortemente marcada pelas rápidas transformações tecnológicas e urbanas, pouco adaptadas para a infância, as instituições escolares se constituem em um recurso para combater o consumismo extremo, as patologias psicológicas como a depressão, a solidão e o empobrecimento das experiências, garantindo uma melhor qualidade de vida para os pequenos e, conseqüentemente, para os futuros adultos.

A escola de educação infantil necessita pensar para além da promoção para o ensino fundamental. Os educadores devem entender esta etapa como um processo global e contínuo que, naturalmente e se bem conduzido, levará a criança a criar vínculos com práticas que serão exercidas em todas as etapas de sua vida acadêmica (ZABALZA, 2007).

Nota-se que, tanto o caráter da educação infantil como preparatório para o ensino fundamental como seu caráter assistencialista são eliminados do pensamento de Zabalza (2007) que acredita numa educação infantil voltada para a promoção do desenvolvimento humano como um todo, sendo responsável pela criação de sujeitos capazes de fazer boas escolhas e se colocar na sociedade ativamente.

Neste aspecto, é fundamental que as crianças de educação infantil tenham espaço para se expressar e movimentar, num ambiente organizado e lúdico. Isto exclui a ideia de um lugar rígido e estático, mas de uma escola em movimento, que permita a criança explorar o espaço, as pessoas e seu próprio corpo.

Nesse sentido, é importante que o trabalho incorpore a expressividade e a mobilidade próprias às crianças. Assim, um grupo disciplinado não é aquele em que todos se mantêm quietos e calados, mas sim um grupo em que os vários elementos se encontram envolvidos e mobilizados pelas atividades

propostas. Os deslocamentos, as conversas e as brincadeiras resultantes desse envolvimento não podem ser entendidos como dispersão ou desordem, e sim como uma manifestação natural das crianças. Compreender o caráter lúdico e expressivo das manifestações da motricidade infantil poderá ajudar o professor a organizar melhor a sua prática, levando em conta as necessidades das crianças. (BRASIL, 1988, p. 19)

Claidy e Kaercher (2001) destacam também dois aspectos importantes na etapa da educação infantil: educar e cuidar. Segundo as autoras, seria impossível educar crianças tão pequenas sem a dimensão do cuidar e, conseqüentemente, cuidar pressupõe uma educação dada com afetividade e segurança.

Cuidar envolve cuidados básicos, de higiene e alimentação, por exemplo. Essas atividades, se executadas em ambientes organizados previamente para este fim, demonstram à criança que ela está segura e ajudam a descobrir grandes novidades sobre as coisas do mundo e sobre si mesma. Para além de dar banho e alimento à criança, outros aspectos envolvem o cuidado com as crianças: os horários estabelecidos para o funcionamento da escola ou creche e a atenção aos brinquedos e materiais oferecidos aos pequenos. A educação desta criança, por sua vez, acontece durante todo o tempo que o indivíduo fica na escola, nos momentos de cuidado, de interação e de brincadeira. Isto ocorre porque a criança está em um processo de descoberta e internalização de conceitos por meio do seu corpo e das experiências que vive com as outras pessoas e espaços (CLAIDY e KAERCHER, 2001).

Nas palavras das autoras:

A educação da criança pequena envolve simultaneamente dois processos complementares e indissociáveis: educar e cuidar. As crianças desta faixa etária, como sabemos, têm necessidade de atenção, carinho, segurança, sem as quais elas dificilmente poderiam sobreviver. Simultaneamente, nesta etapa, as crianças tomam contato com o mundo que as cerca, através das experiências diretas com as pessoas e as coisas deste mundo e com as formas de expressão que nele ocorrem. Esta inserção das crianças no mundo não seria possível sem que atividades voltadas simultaneamente para o cuidar e educar estivessem presentes (CLAIDY e KAERCHER, 2001, p.16).

Além da dimensão do educar e cuidar, os profissionais de educação infantil necessitam ter um perfil reflexivo diante do trabalho com crianças pequenas. Dentre as principais características necessárias a este profissional destaca-se: 1) ter a capacidade de refletir sobre a própria prática, analisando se a educação e cuidado

fornecidos são de qualidade e realmente benéfico a todos; 2) compreender a importância de buscar nas teorias aprofundamento sobre a forma como as crianças aprendem e se desenvolvem e 3) aplicar novas metodologias e práticas em busca de aprendizagem significativa (SMITH e CRATF, 2010).

Smith e Cratf (2010) destacam que o profissional da educação infantil acaba desenvolvendo muitos papéis em sua jornada de trabalho: professor, pedagogo, educador de crianças especiais, dentre outros. Todavia, apesar dessas diversas funções suas maiores responsabilidades são as mesmas: garantir uma educação e aprendizagem de qualidade que alcance a todas as crianças, sem exceção.

### **3 QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL X PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Dentro da escola, a curiosidade sobre a própria sexualidade surge por meio de perguntas, brincadeiras e jogos. Muitas vezes os professores condenam determinado comportamento da criança, mas se esquecem que o jogo sexual tem sentido diferente para a criança, o que acontece é que se comete o erro de olhá-lo sempre sob a ótica do adulto. Para os pequenos essa curiosidade sexual é natural e sadia, pois ajuda no desenvolvimento intelectual e emocional (SILVA, 2007).

A escola, por sua vez, é um verdadeiro palco onde as crianças e a equipe pedagógica exibem peculiares formas de vivenciar suas sexualidades porque cada um vive as experiências e os eventos cotidianos e coetâneos de uma forma própria e bastante singular (SCHINDHELM, 2011, p.9)

Como se é esperado da natureza humana, ao longo dos anos as sociedades têm passado por mudanças e evoluções significativas. Estas transformações desencadeiam a necessidade de ampliar e mediar novos conhecimentos através da educação com o objetivo de acompanhar os novos ideias e pensamentos sociais. Com efeito, a construção da identidade é um desses elementos que se modificam ao longo do tempo, mas que é continua sendo de extrema importância na educação infantil.

O professor também necessita acompanhar estas transformações sociais, pesquisando e encontrando novas formas e abordar temáticas que surgem na escola a cada dia. Como afirma Nepomuceno (2013), como as identidades de

gênero estão se transformando, existe a necessidade de os profissionais da educação também transformarem seu olhar, tornando-o mais crítico.

No entendimento de Silva e Pessoa (2013, p.2),

De acordo com a Lei nº 9394/96, a Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica, tendo como objetivo desenvolver a criança de zero a seis anos de idade em todos os seus aspectos: físico, motor, psicológico, intelectual e social, partindo do ato de complementar a ação familiar. Desta forma consideramos que, o momento da infância nessa fase deve ser responsabilmente, planejado, respeitado e inovado. Para isso os/as profissionais da educação precisam estar capacitados, tendo em mente as funções básicas do seu trabalho nessa modalidade de ensino que é cuidar envolvendo o educar.

Ser professor na educação infantil demanda dedicação e conhecimento. É necessário se aprofundar cada vez mais em teorias sobre o conhecimento e aprendizagem, psicologia infantil, patologias infantis e sexualidade. É preciso conhecer a fundo as características e estágios de desenvolvimento que a criança passa ao longo de sua vida para que se possa intervir de forma consciente e responsável no aprendizado dos alunos.

No entendimento de Luckesi (2002), a educação atual exige professores abertos às transformações sociais e que possam atuar facilitadores do processo educacional mantendo com o aluno uma relação de afetividade e transparência. Neste sentido, esconder fatos ou inventar histórias para responder às perguntas das crianças de nada ajuda na compreensão da realidade das crianças.

Silva (2007, p. 10) reflete sobre o papel do professor diante das questões de sexualidade:

Em uma sociedade complexa como a nossa, em tempos em que a escola assume tanta importância, refletir, se posicionar, receber orientações, fazer leituras e discussões ligadas à sexualidade é fundamental para todos nós. E, portanto, para quem trabalha ou cuida de crianças em seus primeiros anos de vida. Para quem necessita tocar, limpar, cuidar, alimentar, proteger, tanger um corpo que sente, que percebe, que vive em suas experiências por aquilo que ele pode organizar através dele. Em resumo, para quem é responsável por tantas iniciações fundamentais, tanto na vida pessoal como na escolar das crianças.

Ao longo de sua vida, a criança vivencia diversas situações que irão interferir em seu processo de construção do seu aprendizado e da sua personalidade. O conhecimento do professor pode ser decisivo neste momento, pois, uma postura de

observação, registro e acompanhamento intencional frente às questões que surgem ao longo do caminho contribuem para auxiliar a criança construção da sua autonomia e identidade.

Todavia, conforme Leite e Maio (2013), percebe-se que os professores apresentam insegurança em tratar a sexualidade e as questões de gênero com mais abrangência dentro de sala de aula educação infantil. Isto decorre porque não se sentem preparados para lidar com as manifestações sexuais das crianças e temem por estimular ou inibir as crianças de acordo com a forma como vão tratar o tema. Por isto, acabam ignorando o assunto, acreditando que, desta forma, não correm o risco de errar em sala de aula.

As manifestações de sexualidade afloram em todas as faixas etárias. Ignorar, ocultar ou reprimir são as respostas mais habituais dadas pelos profissionais da escola. Essas práticas se fundamentam na ideia de que o tema deva ser tratado exclusivamente pela família. De fato, toda família realiza a educação sexual de suas crianças e jovens, mesmo aquelas que nunca falam abertamente sobre isso. O comportamento dos pais entre si, na relação com os filhos, no tipo de “cuidados” recomendados, nas expressões, gestos e proibições que estabelecem são carregados de determinados valores associados à sexualidade que a criança apreende (BRASIL, 1997, p. 77).

No entendimento de Schindhelm (2011), quando se fala de sexualidade na infância ainda se levantam muitas questões sociais. O adulto se assusta diante do tema que para ele foi muitas vezes proibido na infância. Falta-lhe a percepção sobre a dimensão humana da sexualidade como base fundamental para a plena realização do sujeito.

Em outras situações o professor se desespera frente a curiosidade da criança e acabam respondendo mais do que o necessário. Silva (2007) esclarece que o docente precisa ter tranquilidade diante da pergunta, respondendo de forma clara e objetiva. Aconselha ainda que nunca se deve deixar a criança sem repostas, mesmo que seja apenas para dizer que não sabe a resposta.

Como o tema sexualidade ainda é pouco discutido na área da educação infantil, ainda prevalecem articulações conceituais do senso comum, que causam embaralhamentos, misturas e confusões. Essas noções naturalizam-se, de tal modo, que se tornam quase imperceptíveis, porém produzem consequências políticas demasiadamente importantes para serem ignoradas (SCHINDHELM, 2011, p.12).

Deixar de responder às perguntas das crianças sobre sexualidade gera ansiedade e tensão, ao ponto que satisfazer suas curiosidades ocasiona satisfação e desejo de aprender ao longo da vida. Ignorar as perguntas dos pequenos pode até mesmo causar dificuldade no aprendizado dos conteúdos escolares (BRASIL, 1997).

Falar sobre sexualidade gera nas pessoas em geral grande desconforto, pois este tema foi, durante muito tempo inapropriado. Nas sociedades antigas, falar sobre sexo era algo extremamente vulgar e imoral. Isto gerou grande defasagem no conhecimento das pessoas sobre o próprio corpo e sua própria sexualidade e, apesar de vivermos grandes transformações sociais nos últimos anos, o tema ainda é extremamente difícil. Nas palavras de Paz (2013, p.1) “ o tema sexualidade ainda é tabu para os profissionais que atuam na educação infantil. Quanto a isso, as dificuldades dos professores e professoras, entre outras razões, ocorrem pela falta de domínio dos conteúdos”

Apesar de todos os trabalhos desenvolvidos por Freud, ainda no início do século passado, apontando a existência de sexualidade infantil; apesar da curiosidade natural das crianças a respeito de sua origem e das dificuldades emocionais decorrentes quando elas não conseguem ter essas questões respondidas, alguns preconceitos e tabus dificultam pais e educadores de lidarem adequadamente com essas manifestações das crianças (SILVA, 2007, p. 17).

Negar que o professor que trabalhar na educação infantil necessita saber e falar sobre sexualidade é desconsiderar um aspecto muito importante da vida das crianças. Este profissional passa muito tempo junto dos alunos e tem o poder e o dever de observar e intervir em questões essenciais para o desenvolvimento dos pequenos (SILVA, 2007).

Para a autora, quando falamos de sexualidade abrimos espaço para à discussão sobre as dúvidas que até mesmo os professores carregam desde a infância. Além disso é a possibilidade de confrontar os tabus impostos socialmente com os preconceitos que estão enraizados na nossa subjetividade. Dessa forma, toda tensão é liberada e o prazer da descoberta ganha ares de seriedade e contribui para a relação da criança com sua família, amigos e com o próprio corpo.

A sexualidade infantil apresenta-se na escola como um grande desafio pela transformação que promove na prática educativa, ao desvelar os ocultamentos e silenciamentos acerca da temática. Expressa por crenças, atitudes, valores, papéis e relacionamentos é produto de um trabalho permanente de ocultação, de dissimulação ou de mistificação na escola, um reflexo do que se produz da mesma forma na sociedade (SCHINDHELM, 2011, p. 5).

Dentro da escola as crianças estabelecem relações uma com as outras, o que vai contribuir para a construção da sua identidade e personalidade. Muitas vezes, essa interação acaba em expressões de sexualidade e por isso os pequenos são repreendidos por comportamentos considerados inapropriados para o ambiente escolar. Neste contexto os professores ficam desorientados e não sabem bem lidar com a situação (SCHINDHELM, 2011).

Para Silva e Pessoa (2013) o ponto inicial para um bom trabalho com a sexualidade dentro de sala de aula é a capacidade do educador de desconsiderar quaisquer preconceitos que tenha em relação a sexualidade, enxergando que a criança possui, naturalmente, curiosidade sobre seu corpo e sobre as relações dele com o meio. Isto não significa ensinar práticas sexuais aos pequenos, mas estar preparado para responder as dúvidas que surgirem de forma rápida e concisa.

Sobre este ponto, os autores colocam que:

[...] a importância que tem a presença do/da professor (a) diante das manifestações de curiosidades dos/das pequenos (as), mais relevante ainda é sua posição esclarecedora frente a estas expressões que surgem em sala de aula. Essa posição não se resume a castigos, mas sim é aberta a curtas explicações sobre o que pode ou não pode, onde e quando pode isso diante da exploração do corpo da criança em momentos não adequados. O/ A educador (a) deve deixar de lado os preconceitos e procurar favorecer o desenvolvimento de suas crianças de forma saudável, pode até ser difícil se considerarmos que o desenvolvimento da sexualidade das crianças se dará de acordo com o desenvolvimento que teve seu/sua educador (a), pois se considerar a sexualidade como um tabu, infelizmente, não proporcionará uma educação, sem repressões, sem traumas, sobre o corpo da criança (SILVA, PESSOA E BARROS, 2013, p.6).

Segundo Schindhelm (2011), os professores que atuam na educação infantil necessitam ter careza da importância da sexualidade na vida das crianças, entendendo-a como uma dimensão do ser humano. Ao contrário, o que vemos é uma desmoralização da sexualidade por parte do professor. Isto acontece porque o docente desconsidera que a sexualidade “envolve as histórias de vida e seus

segredos, as emoções e sentimentos [...] fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, atividades práticas, papéis e relacionamentos (p. 7)

Sobre a questão de gênero Vianna e Finco (2016) ressaltam que a educação infantil é responsável por inserir as crianças no mundo social a partir do momento que proporciona a interação entre os pares. Neste sentido, nesta etapa de educação básica é necessário falar sobre as relações entre meninos e meninas e sobre as relações que estes estabelecem com a sociedade, sem contudo, induzir a estereótipos prontos e impostos socialmente.

Não é incomum encontrar nas salas de aula uma pressão por parte dos professores para que os meninos se comportem de forma ativa, viril, corajosa e demonstrem liderança diante do grupo. Já as meninas são levadas a serem dóceis, aplicadas nos estudos, sentimentais, frágeis e educadas. Estas posturas traduzem a massificação de estereótipos construídos historicamente e que vão sendo passados de geração em geração (SCHINDHELM, 2011).

No exercício docente, seja pelas concepções individuais ou pela falta de reflexão sobre o tema, os professores acabam reafirmando esses modelos de “masculino e feminino” e reforçam a separação entre meninos e meninas dentro de sala de aula. Isto ocorre em atividades que elevam o poder masculino e rebaixam as meninas, em momentos cujo as meninas são discriminadas pelo desejo de jogar futebol, quando os meninos querem desenhar usando lápis de cor rosa ou quando querem brincar de boneca.

É preciso que o docente tenha cuidado ao planejar as suas atividades, pensando em como pode integrar meninos e meninas dentro de sala de aula sem reforçar “o que é coisa de menina e o que é coisa de menino”. Dessa forma o professor pode levar as crianças da educação infantil a perceber a importância de respeitar aquele que é diferente, mas que possui uma vida, uma história e valores que lhe são próprios e pessoais.

Uma educação infantil de qualidade inclui a discussão das questões de gênero. As relações das crianças na educação infantil apresentam-se como uma das formas de introdução de meninos e meninas na vida social, principalmente porque oferecem a oportunidade de estar em contato com



crianças oriundas de diversas classes sociais, religiões e etnias com valores e comportamentos também diferenciados. A educação infantil não só cuida do corpo da criança, como o educa: ele é o primeiro lugar marcado pelo adulto, em que se impõem à conduta dos pequenos os limites sociais e psicológicos. É o emblema no qual a cultura inscreve seus signos. Nosso corpo, nossos gestos e as imagens corporais que sustentamos são frutos de nossa cultura, das marcas e dos valores sociais por ela apreciados (VIANNA e FINCO, 2016, p.11).

Outro ponto importante sobre o papel do professor está em sua função de observar e registrar o comportamento dos alunos cotidianamente. A observação atenta é uma grande aliada na descoberta de problemas emocionais da criança. Quando se observa algum comportamento repetitivo de caráter sexual é sinal que existe alguma angústia que a criança não está conseguindo resolver por meio da brincadeira e merece atenção especial (SILVA, 2007).

O profissional da Educação Infantil deve ter um olhar atento, garantindo as crianças possibilidades de interação e de expressão de sentimentos. Isto só será possível que esses professores estudarem a fundo e conhecerem o processo de desenvolvimento da criança e suas principais características em cada fase da vida. Isso inclui saber sobre a sexualidade e a importância desta para vida dos sujeitos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Mediante as ideias abordadas neste artigo, nota-se a vital importância da sexualidade na vida dos sujeitos. Para além do puro ato sexual, ela está relacionada com a descoberta do corpo e com a formação da subjetividade. A sexualidade é para todas as pessoas: crianças, idosos, pessoas com deficiência, não sendo possível excluí-la da sala de aula.

Por ser um tema que ainda gera muito constrangimento nas pessoas, as manifestações sobre sexualidade das crianças acabam sendo ignoradas ou abordadas de forma equivocada e fantasiosa. Percebe-se que os profissionais desta etapa não conhecem sobre a sexualidade e sua relação com o desenvolvimento da criança ou levam em consideração suas crenças pessoais no momento de intervir em sala de aula sobre o assunto.

Neste aspecto, nota-se a importância de um estudo sobre a sexualidade infantil e sua relação com a vida das crianças. Este aprofundamento acarretará também nas

mudanças de percepções pessoais dos próprios docentes, ajudando-os a desmistificar muitos preconceitos construídos na infância. O professor somente poderá responder às dúvidas e demandas das crianças se estiver preparado pessoal e teoricamente.

Somente com muito estudo, observação e reflexão sobre a prática será possível educar de forma verdadeiramente libertadora. Não é mais possível ignorar a importância da sexualidade para a vida dos sujeitos e a escola atual necessita de professores capazes de livrar-se de crenças pessoais para trabalhar de forma consciente as necessidades da criança de educação infantil. Somente quando os estereótipos e padrões forem deixados de lado, os docentes serão capazes de enxergar a criança como um integral, dotado de direitos, dentre o mais importante: ser feliz!

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional**. Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Distrito Federal, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: pluralidade cultural, orientação sexual/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1997.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

CLAIDY, Carmem Maria. KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. **Educação Infantil: para quê te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.  
Dicionário Michaelis (Versão online). Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=sexualidade>>. Acesso em 14/02/2017.

LE BOULCHE, Jean. **O desenvolvimento psicomotor**: do nascimento até os 6 anos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LEITE, Lucimar da Luz. MAIO, Eliane Rose. **Gênero e sexualidade na educação infantil e a importância da intervenção pedagógica.** Disponível em: << [http://www.fecilcam.br/nupem/anais\\_viii\\_epct/PDF/TRABALHOS-COMPLETO/Anais-CH/PEDAGOGIA/06-completo.pdf](http://www.fecilcam.br/nupem/anais_viii_epct/PDF/TRABALHOS-COMPLETO/Anais-CH/PEDAGOGIA/06-completo.pdf) >> Acesso em 20/11/2016.

NEPOMUCENO, Margarete Almeida. **Ser e não ser: ambivalência nas identidades de gênero.** Universidade Federal da Paraíba, 2013. Disponível em << <http://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/viewFile/2347/2082>>> . Acesso em 1/05/2017. . Acesso em 1/05/2017.

OLIVEIRA, Arlete Piccolo de. **Sexualidade e educação infantil: uma visão histórica, teórica e cultural.** 1 ed. São Paulo: edição do autor, 2016.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Educação sexual além da informação.** São Paulo: E.P.U, 1990.

SCHINDHELM, Virginia Georg. **A sexualidade na educação infantil.** Revista Aleph Infâncias. Ano V N° 16. Novembro de 2011.

SILVA, Maria Cecília Pereira da. **Sexualidade começa na infância.** São Paulo: Casa do psicólogo, 2007.

SILVA, Patrícia Edíone; PESSOA, Elvira Bezerra. **Relações de gênero e sexualidade na escola: uma investigação**  
**Na prática docente** Disponível em:  
<<(p.6)[http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho\\_Comunicacao\\_oral\\_idinscrito\\_1574\\_b4a85e6ba609c9249c02f24343168883.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito_1574_b4a85e6ba609c9249c02f24343168883.pdf).>> Acesso em: 20/11/2016.

SMITH, Alice Paige. CRATF, Anna e colaboradores. **Desenvolvimento da prática reflexiva na educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

VIANNA, Claudia. FINCO Daniela. **Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder.** Disponível em << [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332009000200010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332009000200010)>>. Acesso em: 16/11/2016.

VYGOTSKY, Levi Semionovich. **Imaginação e criação em idade infantil.** La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1999.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2007.